

“Cavalos de França”

(Copyright do SERVIÇO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO especial para Revista “CERES”)

Por M. G. NEILL (*)

Aspecto geral da criação e da utilização do cavalo na França

Desde o cavalo de raça, rápido e esforçado nas corridas, ao pesado cavalo de carroça das planícies, a França possui a série mais variada de cavalos existentes no mundo. A diversidade de raças e sua adaptação aos serviços exigidos nos colocam no primeiro lugar entre os países produtores.

Galopadores e trotadores, cavalos de sela, côche, posta, varal, jumentos e mulas, tal a incomparável série de equídeos oferecidos pela França aos amadores mais exigentes.

Em 1900, quando apareceu a tração automóvel possuía a França cerca de 3.000.000 de cavalos.

Se o progresso do automóvel suprimiu gradativamente a tração animal nas cidades, nos anos anteriores à guerra de 1914, viu-se pelo contrário durante êsses mesmos anos, aumentar progressivamente o número de cavalos empregados no cultivo nas províncias onde, no passado, o boi era o único meio de tração empregado.

Decrescendo nas cidades, crescendo no campo, a população hípica francesa se manteve, à vespera da guerra de 1914, ainda de cerca de 3.000.000.

Ao fim de quatro anos de guerra, a França perdera 1/4 de sua população equina: avaliam-se em 750.000 as perdas sofridas durante a primeira guerra mundial. Pouco a pouco, e até 1928, o número de cavalos na França cresceu, mas para nunca alcançar de novo o nível de anterior à guerra: Em 1928 o máximo foi mais ou menos de 2.800.000 e esta cifra manteve-se até 1939 quando um segundo desastre estava por desabar sobre as zonas agrícolas francesas.

As requisições do exército em 1939, as perdas devidas à campanha de 1940, as espoliações e as requisições alemãs sucedendo-se durante quatro anos de ocupação resul-

(*) Diretor do Corpo interprofissional de cavalos e mulas.

taram em segunda sangria na população equina de gravidade mais ou menos semelhante à primeira. Calcula-se, com efeito, em 650.000 o número de animais mortos, perdidos ou roubados em consequência da segunda guerra mundial. Mas, contrariamente à primeira, esta não deteve tanto a produção francesa; mui felizmente, as éguas nas coudelarias não sofreram tanto quanto a massa dos animais de trabalho.

Eis porque, nos quatro anos desta guerra, viu-se crescer de mais de 1/3 o número das éguas destinadas à reprodução, e lembrando-se os lotes anuais de 350.000, vê-se que as gerações sucessivas, nascidas durante a guerra, vieram gradativamente substituir as perdas.

Como, aliás, os tratores a gasolina ainda faltam e faltaram durante alguns anos, a necessidade de cavalos nos nossos campos é ainda urgentíssima.

Importamos cavalos de trabalho, desde o fim das hostilidades, da Bélgica, Irlanda, Inglaterra, Canadá, Suíça, Dinamarca e Suécia. Calcula-se que a produção interna francesa será bastante para satisfazer as necessidades desde a primavera de 1947.

Os algarismos sôbre importação de cavalos de trabalho na França atingira cêrca de 10 a 15.000 durante o ano de 1946.

Tal rapidamente bosquejado, o aspecto geral da criação e utilização do cavalo na França desde o principio do século.

O cavalo inglês de raça na França

Importado há mais de cem anos, o cavalo inglês habituou-se maravilhosamente às pastagens da Normandia e da "Ilha de França". Devido aos sacrifícios do Estado e de proprietários inteligentes e desportivos, sua criação é florescente.

O último "meeting" de Ascot provou a esmagadora superioridade dos cavalos franceses sôbre os cavalos ingleses. No "Gold Cup", o troféu mais desejado por criadores e proprietários ingleses, os amadores viram chegar na frente três cavalos franceses.

Durante êsse "meeting", os criadores franceses ganharam as corridas mais importantes, em tôdas as distâncias. Posteriormente, as côres francesas triunfaram em muitas outras provas, em Liverpool como em Doncaster, Newmarket, Hurst Park, Goud Wood, etc... e também em Ascot no outubro de 1946.

Não é por conseguinte exato dizer que as brilhantes

vitórias dos cavalos de raça franceses são devidas à guerra; a França, ocupada durante quatro anos, e cujos melhores cavalos foram metodicamente, deportados para a Alemanha, já possuía, antes da guerra, superioridade comprovada pelas vitórias acima mencionadas.

Graças à diligência das autoridades aliadas, conseguimos afinal recuperar metade dos garanhões e éguas de raça metodicamente roubadas pelos alemães durante a ocupação.

O trotador francês

A criação de trotadores foi menos prejudicada do que a de cavalos de raça. Pode-se mesmo dizer que ficou quase indene ao findar a guerra.

A moda das corridas a trote na França vai crescendo, e sem dúvida alguma, melhorando a disposição de nossas pistas, aperfeiçoando o adestramento dos potros, cuidando judiciosamente dos cruzamentos necessários. Com animais de raças estrangeiras, conseguir-se-á dar aos trotadores franceses um valor mundialmente reconhecido equivalente ao de nossos cavalos de raça.

O hipódromo de Vincennes, o mais utilizado pelo trotador francês, foi infelizmente requisitado depois da guerra e ainda não pôde ser devolvido; de modo que a instituição das corridas a trote fica prejudicada, embora o hipódromo de Enghien abra regularmente as portas aos amadores desse desporte.

Na França inteira, nas cidades das provincias e no campo, o gosto pelas corridas, e mais particularmente pelas corridas a trote, levou os dirigentes a abrir a maior parte dos hipódromos anteriores à guerra. Graças ao sistema de "pari-mutuel", a taxa percebida pelo Estado sobre as importâncias arriscadas pelos apostantes permitiu repor em bom estado os hipódromos sinistrados durante a guerra e estima-se que a temporada de corridas de 1947 criará de novo prosperidade equivalente à anterior à guerra.

A instituição das corridas, tal como ficou organizada na França, deu os resultados esperados: Está assegurando a prosperidade da criação e distribui cada ano entre as raças de diferentes origens, cavalos de raça ou de trabalho, riqueza de fato benfazejas.

O cavalo de sela

A França produz variedade incomparável de cavalos de raça mestiçada; selecionados uns para o uso da sela, — pesos pesados, pesos médios e pesos leves — outros mais próprios à tração de veículos ligeiros.

Devido à falta total de gasolina durante a guerra, tais cavalos conheceram época de inesperada prosperidade, mas os dias futuros aparecem sobrecarregados de incerteza e angústia.

O exército está inteiramente motorizado e não fará mais compras senão para fornecer montarias à escolas e a quadros, porque a prática do cavalo continua sendo, ao ver dos militares, processo ideal para a educação e a formação do homem.

Temos na França 35.000 éguas de raça mestiçadas, repartidas entre as diferentes raças de cavalos; os “anglo-normands”, no departamento da Mancha na maior parte, em seguida no Calvados e no Orne — os mestiços tendo sangue anglo-normand, Vendâens e Charentais nos departamentos da Loire, da Vendée e da Charente — les Charollais — os cavalos do centro e do Ain — enfim, no Sud-Oeste, os Anglo-Arabes de Pau e de Tarbes.

Os amadores estrangeiros podem encontrar em toda esta série de cavalos de sela animais belíssimos de formas harmoniosas e também fogosos, tanto para satisfazer sua apreciação do cavalo como suas aptidões de cavaleiro.

Importa por outro lado que a equitação deixe de ser esporte aristocrático; a mocidade das cidades e campos, qualquer que seja a classe social a que pertença, gosta do cavalo; convém que ela possa utilizar-se dele. Numa palavra, quer-se colocar a equitação ao alcance do elemento popular; para este fim, e já antes da guerra, produzira-se vasto movimento em atenção às Sociedades Hípicas Rurais e Urbanas. Tal movimento renasceu depois do fim da guerra, após cinco anos de paralização obrigatória.

O cavalo de tiro

Ainda muito mais importante e diretamente útil, é a massa das 500.000 éguas francesas de tiro para as quais dispõe-se de 10.000 ganhões pertencendo às cavaliarias do Estado, ou às de particulares donos de ganhões.

Anualmente, maximé, desde a guerra, cêrca de 300.000

potros vêm substituir nas pastagens igual número do ano anterior prontos a se submeterem ao colar.

E' para o agricultor francês uma escôlha de animais de tiro de tôdas as raças, tôdas as côres e tôdas as aptidões, como não existe outra em parte alguma do mundo.

O Percheron é de fato a mais numerosa raça de tiro espalhada pelo mundo. Está sendo utilizada não apenas na França quase inteira, mas na Inglaterra e sobretudo nas duas Américas. Em nosso país, a gente da Beauce e do Vexin gosta de utilizá-lo inteiro. Mostra-se de fato cheio de ardor no varal, mas, se a gente o castra, enfraquece e perde corpulência.

O Boulonnais será sempre o mais elegante dos cavalos de tiro. Sua expressão, seu aspecto, a harmonia de linhas tornam-no o cavalo do amador.

Quem aprecia o espetáculo duma bela junta de Boulonnais não se pode mais acostumar às características de outra raça. Do tipo do Percheron, requer maior cuidado para guiar-se, por ser impaciente; trabalha porém com boa vontade e com ardor.

Mas a coleção ficaria incompleta se não tivéssemos êsse admirável trabalhador cavalo bretão. Saindo das inesgotáveis mandas do Finistère, do Morhihan e dos Côtes du Nord, qualquer que seja seu pêlo e seu pêso, o Bretão é sempre bom. E ao mesmo tempo ativo e dócil, tem sobretudo a aptidão de se aclimatar por tôda a parte.

E' o verdadeiro cavalo do pequeno cultivador. Apto a todos os serviços, é rústico e fácil de se manter. E' o cavalo dos países ingremes e dos países quentes.

Nenhum outro se adaptou melhor do que êle na Espanha e na África do Norte, onde, pouco a pouco, melhora e aumenta a estatura do barbo pelo cruzamento.

A França, devido à falta de meios de tração para a agricultura, não pode momentaneamente exportar cavalos de tiro utilizados no trabalho.

Do lado contrário, país de criação, deseja reencontrar no menor prazo possível seus clientes dos tempos anteriores à guerra, e para isso está desde já em condições de exportar reprodutores sob a condição de que estejam inscritos no "Stud Book" de sua raça.

*
**

Tal é, logo depois da guerra, a situação da criação do cavalo na França.